

VASCO VAZ

ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS

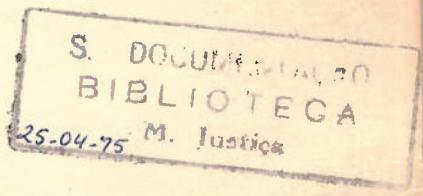
(Separata do Boletim do Centro de Estudos Nº 4)

K 612.6
V3930

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
DIVISÃO DO PESSOAL

1971

F
612.6
V3930
DEP.LEGAL



DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
1971

Ministério da Justiça



MJU00037533

VASCO VAZ

ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS

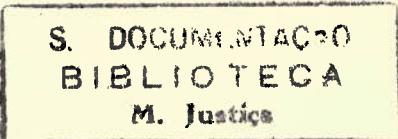
(Separata do Boletim do Centro de Estudos Nº 4)

164499

612.6
V3938
DEP. LEGAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
DIVISÃO DO PESSOAL

1971



ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS

VASCO VAZ (*)

Haverá mais paz e tranqüilidade no mundo, quando cada um se dispuer a poupar a seus irmãos o acérvo de sofrimento inútil, que torna a vida mais amarga. Por isso, considero dignos de apoio movimentos que criam, para sérres ainda em formação, ambientes mais serenos e horizontes mais estimulantes. Porque os caminhos estarão livres dos obstáculos que a estupidez humana voluptuosamente criou.

Com o advento da era psicanalítica, ficamos sabendo que um sem número de desajustamentos — sindromes neuróticos e mesmo psicóticos — têm como fatores determinantes, entre outros, os traumas sexuais ocorridos no período da estruturação afetiva. Além das disfunções de caráter estritamente sexual, — prostituição, perversões e crimes sexuais — várias outras ocorrências encontram como responsáveis os referidos traumas sexuais infantis, como os sindromes angustiosos e fóbicos, a oposição ao meio e o antagonismo ao sexo oposto, a perda do impulso vital e a diminuição da atividade criadora.

Padecendo de desajustamento sexual, o indivíduo acha-se incapacitado de uma produção satisfatória em qualquer setor que exerça atividade.

Nos casos de neurose compulsiva, em suas múltiplas manifestações, bem assim nas várias manifestações da neurose histerica, vamos descobrir a influência ponderável dos diversos tipos de traumatismos sexuais sofridos na infância. Mais graves, ainda, são as reações deliriosas de perseguição, de grandeza e de misticismo, dos estados paranóides; e certos sindromes de demência precoce, que também encontram nos traumatismos sexuais da in-

(*) Responsável pelo Setor de Orientação Psicopedagógica, da SMS.

fância os alicerces em que se erigiram as estruturas das perturbações mentais.

Inexplicavelmente, os fatos ligados ao sexo possuem um caráter de proibido e pecaminoso, de algo que não pode ser tratado com a mesma naturalidade com que são tratados os outros fenômenos ligados às demais funções de nosso organismo.

A primeira hipótese explicativa é a de que os fatos ligados ao sexo tivessem adquirido esse caráter misterioso porque, nas culturas primitivas, os indivíduos, ao se defrontarem com fenômenos tais como fecundação, gravidez e parto, e não encontrando explicações satisfatórias para os mesmos, os interpretavam como resultante de influências estranhas, elevando-os então a categorias especiais, onde não faltava, inclusive, o critério de tabú.

Outra explicação pode parecer satisfatória: no início da formação das coletividades humanas, em que cada indivíduo era mais um competidor e antagonista que companheiro, todos aqueles que se entregavam a práticas sexuais, procuravam executá-la da maneira mais oculta possível, para evitar que alguém ou alguma coisa os colhesse de surpresa, nos movimentos cruciais da tarefa a que se entregavam.

Em circunstâncias especiais, tende o homem a ocultar as manifestações de suas emoções mais íntimas. Ora, na prática sexual, desde a corte até o acasalamento, muitos complexos emocionais se traduzem em manifestações corpóreas. É provável que, também neste caso, a necessidade de mascarar evidências de interesse tenham levado os indivíduos a se esconderem.

Outro fator deve ter contribuído para que o assunto sexual fosse tratado de forma tão estranha: nossos ancestrais, devido à nudez, ficavam com os órgãos genitais expostos e, assim, passíveis de sofrerem ferimentos e lesões severas. Daí a necessidade da proteção dos mesmos com aparelhagem adequada e peças da indumentária que, obrigatoriamente, os ocultavam.

O assunto sexual vem preocupando tôdas as culturas, através das idades. Quando se lê a História, no capítulo da evolução das crenças, ritos e práticas religiosas, encontram-se várias páginas manchadas do sangue de vítimas humanas oferecidas em holocausto aos deuses da fecundidade.

Com o advento da Doutrina Cristã, houve uma como que inversão de valores: muitos dos aspectos de comportamento humano, tolerados na época, ao nível de desregramento e da licenciosidade, passaram para a escala mais baixa dos valores morais. O que veio em substituição, ocupando os primeiros planos na nova hierarquia, foram as práticas de amparo aos semelhantes e de amor ao próximo, do perdão, da humildade e piedade.

Os pioneiros desta doutrina pagaram bem caro pela coragem de se insurgirem contra as disposições hedonísticas da época.

Resultado de tais entrechoques entre disposições culturais e pulsões instintivas, é a nossa pobre humanidade atual, que ainda é composta de seres que exibem as formações pilosas do homem primitivo que o abrigavam das intempéries e dos insetos e que, no entanto, já se mostrou capaz de se insurgir contra a organização cósmica com o desmembramento do pequeno universo do átomo, e se atira na conquista do espaço sideral. Nessa cultura vive sob o imperativo de códigos draconianos, que pretendem fazer de cada indivíduo um santo, e que se satisfazem quando, pelo menos, o homem acata algumas de suas normas.

Os desajustamentos de fundo sexual tornam-se muito mais intensos, dada a impetuosidade dos potenciais energéticos que são liberados e postos em ação, tôdas as vêzes em que fatôres eletivos são capazes de desencadeá-los.

No bom sentido, o impulso sexual, não obrigatoriamente genital, pode ser identificado como impulso vital, desde que se considere a transcendência que encerra, a começar pela evidência de que é através da reprodução que, em última análise, o indivíduo se faz eterno. Afara isto, tôdas as nossas outras atividades criadoras, artísticas, técnicas ou culturais, dependem de um adequado aproveitamento da energia psicossexual. O que tem criado óbices intransponíveis, gerando mesmo certo grau de repugnância em pessoas, embora cultas, ao abordarem o assunto referente ao sexo, é a confusão que ainda se estabelece entre sexualidade e genitalidade ou práticas sexuais. Não ignoro as dificuldades que encontrará quem quer que se disponha a abordar êste assunto. Por demais amplo e interessando a grande número de correntes ideológicas, não-sómente de credos religiosos, como de ori-

tações culturais, as opiniões e critérios variam da restrição mais radical à mais ampla liberdade. Houve quem dissesse, no entanto, que uma vez criada a oportunidade para que o assunto seja discutido em têrmos, a mesma deve ser aproveitada. Assim, ninguém pode furtar-se à obrigação de levar esclarecimentos a todos aquêles que, direta ou indiretamente, se mostrem interessados.

Faz-se mister, pois, que se ponha em destaque a diferença entre *sexualismo* e *genitalismo*. Segundo FREUD, a sexualidade transborda, extrapassa a genitalidade em duas direções diferentes: em primeiro lugar, a sexualidade compreende elementos afetivos mais elevadamente psíquicos do que as sensações genitais: são as emoções ou sentimentos sexuais. Em segundo lugar, a sexualidade pode ser destacada das partes genitais — não para se tornar mais altamente psíquica — mas para se localizar em outros órgãos».

Para FREUD, há sensações sexuais extra-genitais, existindo no corpo humano zonas que são erotizáveis, apesar de distanciadas dos órgãos genitais.

As manifestações do impulso sexual na infância são tão importantes na formação da personalidade, que os seus distúrbios já se tornam evidentes, mesmo para aqueles que não se dedicam ao estudo do assunto. Pessoas leigas se preocupam com o fato de crianças do sexo masculino apresentarem características feminis, que se evidenciam através de gestos, mímica, expressões peculiares do olhar e inflexões típicas no falar, englobados sob o título de *maneirismos*, bem assim como pelas suas precoces manifestações de interesse por profissões tipicamente femininas.

O mesmo fato se nota em crianças do sexo feminino, que de feminino, às vezes, só possuem a indumentária, porque a atitude, a voz, gestos, tudo, enfim, é tipicamente masculino. São, evidentemente, casos extremos, cuja sintomatologia, por assim dizer, salta aos olhos. Mas, entre êstes dois extremos, situa-se uma infinidade de tipos, com características atenuadas e entrecruzadas, de difícil distinção.

Embora permaneça ainda a competição, em alguns aspectos radicalistas, entre os adeptos da psicogênese e os da organogênese dos distúrbios psíquicos, dos mais singelos aos mais severos;

embora tendendo a conceituação atual a somar as duas ordens de fatores determinantes, não se pode negar que é no período de estruturação da personalidade que se fazem mais lesivas as interferências educacionais.

Diz S. NACHT, em seu trabalho *Psychoanalyse des Psycho-neuroses de la Sexualité*: «Relacionando-se o desenvolvimento psicossexual da criança com o desenvolvimento do conjunto da personalidade, as descobertas psicoanalíticas permitem considerar as perversões sexuais do adulto como a expressão de uma perturbação ou parada na evolução psicossexual da infância. Observam-se na criança, em diferentes épocas de sua evolução, os modos de perversão sexual que são encontrados nos adultos. A criança, exatamente como o adulto pervertido, pode proporcionar-se uma satisfação sexual independentemente de objeto, ou ainda, sem excitação direta dos órgãos性uais».

O dever de dar explicações de problemas sexuais compete, circunstancialmente, aos genitores que, lamentavelmente, em sua maioria, não se encontram adequadamente preparados. Consequência natural, é a transferência de tal incumbência a professores e psicólogos ou orientadores educacionais.

Em obediência à evolução dos sistemas pedagógicos, já são mantidos hoje alguns estabelecimentos de ensino que incluem, sistemáticamente, entre as disciplinas a serem ministradas, as noções de orientação sexual. Se os métodos orientacionais forem corretamente aplicados, pode avaliar-se o benefício que representarão, uma vez que se processará uma autêntica profilaxia de males e desajustamentos futuros.

É importante saber aproveitar as oportunidades oferecidas pelas crianças que fazem indagações. Seria realmente de se lamentar não se encontrar um adulto esclarecido, para analisar e orientar de maneira adequada.

Os pais, geralmente, se vêm constrangidos diante do impacto de uma realidade sexual e quase sempre pecam por omissão: por não saberem, não poderem ou não quererem solucionar o impasse. É evidente que o ideal seria o estabelecimento de uma padronização, que determinasse as maneiras de serem abordados assuntos de tamanha relevância. Com isto, evitariíamos que, da

balbúrdia reinante, surja outro mal, transformando-se a liberdade informativa em fator de licenciosidade no comportamento.

Um dos primeiros princípios a serem postos em prática, para se tentar uma boa norma orientacional, é a manutenção de um critério de flexibilidade informativa, fugindo das atitudes dogmáticas e dos esquemas rígidos. Os ensinamentos, os conceitos, enfim, as normas a serem fornecidas, devem ser adaptáveis à capacidade receptiva de quem os solicita.

FRANCIS BURTON STRAIN, em seu livro «Sex Guidance Family Life Education» diz: «A criança mesma é o nosso guia. A primeira tarefa do orientador sexual é a de conservar a natureza sexual da criança, o interesse na estruturação do próprio corpo, o interesse nas funções do corpo, na sua própria origem e na origem das outras crianças: desejo de tocar, de acariciar, de amar e ser amada. A segunda tarefa é a de conseguir a sua aceitabilidade social.»

Ressalto a importância deste segundo item, porque vivemos numa sociedade estruturada sob a égide de padrões burgueses, dos quais não conseguimos fugir sem correr graves riscos e determinarmos, talvez, o surgimento de prejuízos mais severos.

Parece necessário que revivamos ou façamos ressurgir certos aspectos da concepção freudiana da evolução da libido. De acordo com esta concepção, a erotização da criança se processa através de etapas definidas, caracterizadas pelas fases oral, anal, fálica, cutânea, para finalmente, alcançar, já no limiar da maturidade, a fase de erotismo genital propriamente dita, devendo o indivíduo encontrar-se apto para o ingresso na plenitude da prática sexual.

Refere FREUD que, desde que haja uma estimulação prazerosa exagerada, intensa ou repetida em uma das referidas fases da evolução da libido; ou se, contrariamente, seja o indivíduo submetido a um trauma ou estimulação exagerada, que impeça a normal progressão de uma fase para outra, pode o mesmo sofrer as consequências danosas em seu processo de amadurecimento efetivo. Em uma complexa sintomatologia, pode o analista evidenciar indícios que caracterizem uma parada, com fixação em

uma das fases; ou, o que é mais grave, com regressão a fases mais primitivas.

Em seu socorro vem SOKOLNIKA, que assim se manifesta, em *Quelques Problèmes de Technique Psychoanalitique*: «o período de latência tem por fim apenas a preparação da fase genital de adulto, formada na puberdade, sob o primado dos órgãos genitais e a serviço de reprodução».

Como se pode verificar, o assunto, longe de se apresentar com singeleza que o tornasse facilmente assimilável, sobrepondo-se desta forma, aos óbices e barreiras, muito ao contrário, apresenta-se com sutilezas que tendem a perturbar a tranqüilidade com que deve ser encarado.

Assim se passa com outros aspectos da evolução afetiva, que se constitui como uma das peças mestras para que se processasse um bom entendimento da dinâmica dos principais problemas de ajustamento que os indivíduos venham a apresentar.

Há em Psicologia uma conceituação, tão romântica quanto assustadora, que é capaz, por si só, de gerar, como gerou, uma corrente de opositores sistemáticos à doutrina de FREUD, relacionada com o denominado Complexo de Édipo.

Relembrando a lenda, o filho se une em casamento à mãe e assassina o próprio pai. Ao complexo de Édipo ficou conferida a responsabilidade, se não total, pelo menos a mais ampla possível, na determinação de quase todos os distúrbios emocionais. Há, no entanto, uma via mais singela que permite compreensão mais objetiva e aceitação mais tranqüila, do que se denomina situação edipiana.

Se não vejamos:

a — todo sér vivo teima obstinadamente em manter-se vivo, seja ele uma ameba, um inseto ou um antropóide. É um condicionamento metabólico, que faz com que cada célula e todas, em conjunto, lutem pela sobrevivência;

- b — o período em que o indivíduo se encontra mais ameaçado pela ação lesiva do ambiente é o período que se segue ao nascimento. Sentimento correspondente à imensa insegurança que o empolga, é a premente necessidade de viver;
- c — cada célula, obedecendo ao mesmo impulso biológico que condicionou a espetacular busca do óvulo realizada pelos espermatozoides, procura uma fusão, célula a célula, com o conjunto de células do sexo oposto, que mais próxima e constantemente se encontra em seu ambiente;
- d — decorrência natural, é o sentimento de oposição hostil ao conjunto de células do mesmo sexo, que se estabelece como possível barreira e ameaça à consecução daquela anel de fusão célula a célula.

Em outros termos, o que queremos dizer é que uma criança recém-nascida, do sexo masculino, se sente atraída ou projetada, por impulsos de reações que ultrapassam, talvez, à complexidade das reações instintivas, no sentido daquela elemento do sexo feminino a quem mais intimamente estiver ligada. Conseqüentemente, opõe-se pelo mesmo condicionamento ao elemento masculino com que estabelece conotações mais íntimas.

Conclui-se, daí, que está na dependência, além de outros fatores, da conduta mais ou menos equilibrada e esclarecida dos maiores frente à criança recém-nascida, todo o seu futuro, principalmente naquilo que tange ao seu ajustamento afetivo. Quando tal equilíbrio não se verifica no ambiente emocional do lar, pode dar-se o fato de a criança do sexo masculino, sob o imperativo de influências eletivas, identificar-se com a figura materna. Sendo esta atitude adequadamente estimulada pelo comportamento das figuras parentais ou seus representantes simbólicos, o mínimo que se pode esperar é o surgimento de um tipo de reação afetiva, na adolescência ou na idade adulta, com características patológicas, como seja, a adoção de atitudes em que predomine mais ou menos de forma acentuada o interesse homossexual.

É evidente que a criança do sexo feminino está sujeita à mesma ordem de fatores influentes, que determinarão o surgimento de uma sintomatologia que se manifesta sob múltiplos aspectos.

O interrelacionamento muito íntimo entre irmãos, primos ou amiguinhos, sejam do mesmo sexo ou de sexo diferente, pode acarretar, também, o agravamento da predisposição já condicionada por influências anteriores. Daí a necessidade de, politicamente, procurar-se impedir a permanência de crianças entregues a seus próprios impulsos, em ambiente isolado durante espaço de tempo muito amplo.

No histórico de muitas perturbações neuróticas, sobretudo nas manifestações de inibição sexual da idade adulta, encontram-se freqüentemente referências a experiências sexuais precoces, às quais não falta eventualmente, a interferência intempestiva de adultos que, na ignorância das medidas adequadas a serem adotadas, quase sempre apelam para ameaças ou castigos.

Tais evidências ressaltam a importância da orientação sexual na infância, período da existência humana em que já podem ser encontradas manifestações de cunho neurótico, por vezes dificilmente controláveis.

Há um período crucial, na infância, que é aquêle em que começa a se interessar pelas diferenças da morfologia sexual que distingue o masculino do feminino.

A singela curiosidade aparente tem, no entanto, raízes profundas, que alcançam setores estruturais da formação do futuro indivíduo adulto.

Por isso, comentários inadequados, zélos excessivos, gracejos tendo como centro de interesse os órgãos genitais são, por todos os motivos, condenáveis, principalmente aquelas atitudes de adultos menos avisados que ameaçam os meninos de mutilações genitais, sob as mais variadas formas.

Cabe aqui, também, uma referência aos pais de cujo casamento só nascem meninas e que, frustrados em sua pretensão de ter um filho varão, eventualmente adotam a atitude de educar a filha à base de padrões masculinos, estimulando os seus inte-

rêsses pelas práticas e comportamentos de sexo oposto, inclusive no que tange à indumentária. É evidente que, em casos especiais, as consequências podem ser de se latismar.

LAURENCE FREDERICK SHAFFER, do Instituto Canergie, diz:
«a higiene mental do sexo não é simples, mas dois erros comuns podem ser evitados:

- 1) os pais devem tratar o sexo como um assunto vulgar, comum, e dar informações sobre ele às crianças, quando estas as pedirem, sem influenciá-las para o mistério, o segredo, a vergonha ou o desgosto;
- 2) os pais devem conhecer a seqüência normal do desenvolvimento sexual e ajudá-lo em todos os sentidos.»

Admitimos que certos grupamentos culturais não encarem a questão com tanta naturalidade; que, a nós, não nos seja possível aceitar o assunto sexo como comum, banal ou vulgar, mas temos que procurar vencer suscetibilidades. Porque, se não dermos a informação a quem a solicita, seja criança, adolescente ou adulto, de forma correta e no justo momento, o que fatalmente acontecerá é que esta informação será buscada em outras fontes. Em tais condições, obterá informações provavelmente inadequadas, eivadas de crendices, plenas de idéia do proibido, do pecado, do vergonhoso.

Existe, ainda, outro perigo: os impulsos não claramente ventilados e esclarecidos podem sofrer o fenômeno da repressão e ser levados a zonas do psiquismo onde são submetidos a transformações, que podem alcançar uma violência incalculável e determinar prejuízos que se farão sentir, talvez, em idades mais avançadas.

As indagações mais infantis freqüentemente dizem respeito aos processos de concepção, gestação e nascimento. Estas indagações devem forçosamente ser respondidas por quem de direito, com toda a honestidade, propriedade, sinceridade e, naturalmente, de acordo com a capacidade de entendimento da criança.

Ainda uma vez recorremos a FRANCES BURTON STRAIN, para citar: «Não podemos, no terreno da educação sexual, prescindir do auxílio incomparável da Biologia, tanto animal como vegetal, no que toca à reprodução.» Aconselha, também, a não se antecipar à curiosidade infantil, sendo conveniente esperar a indagação da criança para, então, responder com toda a verdade e naturalidade.

Sugere, ainda STRAIN, que se organizem cursos em que o assunto sexual não seja tratado, obrigatoriamente, de forma direta. Seriam cursos com várias disciplinas, tais como: educação física, teatro infantil, história, culinária e decoração, e, também, biologia elementar, estendendo-se até a orientação sexual.

Narra a referida autora que, em Nova Iorque, houve um professor de curso primário que encomendou algumas cobaias para, numa prática experimental, procurar demonstrar o valor de um regime alimentar sobre o outro. Auxiliado pelos alunos, separou os grupos de cobaias, duas a duas, em gaiolas. As primeiras seriam submetidas a um regime puramente vegetal; e outras duas, a um regime rico em proteínas, permanecendo um terceiro grupo para ser submetido à alimentação de rotina.

Em uma das gaiolas, circunstancialmente na única onde haviam sido colocados dois animais de sexo diferente, começaram a ser notadas mudanças mais acentuadas, principalmente naquilo que se referia ao aumento de volume e de peso de um dos animais.

Evidentemente, quando surgiram os filhotes na gaiola, em seguida à alegria geral, surgiram as inevitáveis perguntas e conclusões. Que teria acontecido? De onde vieram os filhotes. Como nasceram? E assim, criou-se a oportunidade para o fornecimento de preciosos esclarecimentos sobre os fenômenos biológicos da fecundação, gestação e parto.

— Onde estavam os filhotes antes do nascimento?

Costuma-se dizer que dentro do organismo da mãe há um órgão em forma de bolsa, onde ficam os filhotes até à hora do nascimento. Se a indagação se desenvolver, procurando saber se igual fenômeno se processa na espécie humana, a resposta é afirmativa: naturalmente, todos os animais superiores, mesmo o homem, crescem, a princípio, dentro do corpo materno, onde se desenvolvem até o momento em que poderão viver separados.

Outra indagação que costuma ser feita, refere-se a fenômeno do parto em si: «como nascem os bebês?» A resposta, obedecendo aos mesmos processos já referidos, deve ser dada com natural espontaneidade. Suponhamos que se diga: existem no corpo humano locais por onde são eliminados materiais que não devem ficar dentro do organismo. No corpo da mulher existe mais um canal por onde sai o «bebê», na ocasião do nascimento.

Na hipótese de ser ventilada a desproporção física cabe muito bem a assertiva de que os «bebês» nascem relativamente pequenos e que as paredes do canal por onde nascem são elásticas.

É bom que se frize que as respostas devem atender, plenamente, apenas a indagações feitas naquela oportunidade. Não é aconselhável que se façam explanações amplas sobre o assunto, respeitando o princípio de não nos anteciparmos à curiosidade infantil.

Outro aspecto freqüente da curiosidade infantil se refere à obrigatoriedade da existência de um pai e uma mãe para que a criança venha ao mundo. Não é complicado explicar a estruturação celular dos seres vivos. Todo sér vivo é formado de pequeninos elementos, que se justapõem, e cada um desses elementos, partículas ou parcelas do corpo do filho é formado de partes iguais, metade a metade, de elementos vindos do corpo do pai e do corpo da mãe. Evidentemente, desenhos, gravuras e atlas de biologia em muito auxiliam a explicação, principalmente na oportunidade em que se tiver de explicar o mecanismo da somação dos elementos masculino e feminino. Existe no corpo do macho um órgão que contém as células que se destinam à reprodução. É por meio deste órgão que a referida célula é colocada dentro do corpo da fêmea.

Geralmente, com o ingresso na escola e com a entrada em contacto com colegas mais idosos, a criança é posta, muitas vezes de forma chocante, frente a realidade do sexo, sobretudo quando é levada a admitir a necessidade de acasalamento, entre o próprio pai e a própria mãe. Daí resulta a importância que representa o fato de já se encontrar a criança adequadamente informada, o que diminuirá o impacto que pode ter consequências imprevisíveis no seu amadurecimento sexual futuro.

Sempre que fôr possível, o assunto deve ser discutido em termos genéricos, atribuindo-se a todos os sérés humanos, aos animais e até mesmo aos vegetais, comportamento que se assemelha, em muitos aspectos, em obediência a leis naturais.

Sob o imperativo de influências poderosas, quem sabe se por reações instintivas, circunstanciais, talvez pelas duas influências somadas e outras mais, as crianças se unem freqüentemente em brincadeiras abertas ou veladamente de cunho sexual. São as denominadas experiências sexuais precoces, que ilustram com freqüência a casuística dos distúrbios neuróticos, onde não faltam as experiências homossexuais. Compete aos pais e adultos, que porventura surpreendam as crianças em tais brincadeiras, ou que tenham recebido relatos das próprias crianças ou de outrem, compete a êles adotarem uma atitude caracterizada por elevado sentido de compreensão, habilidade e tato em abordar o assunto. As crianças devem ser levadas a ver a coisa de forma natural, receber a explicação dos fatores que determinaram o surgimento de tais atitudes e serem conduzidas a compreender o critério de impropriedade apenas por uma questão de inadequação cronológica ou biológica, associada a mau aproveitamento das horas de lazer e das energias poderosas que impulsionam a todo ser humano, nesta fase da vida. Qualquer atitude dramática, de medo ou de violência, deve ser cuidadosamente policiada e evitada.

Felizmente, o movimento pela quebra dos tabus sexuais ganhou impulso considerável, nesta década que termina e promete assumir características ainda mais animadoras, nos próximos décenios. Fala-se mais livremente sobre os mais variados tópicos ligados ao assunto e, desta forma, a informação chega mais limpa e diretamente ao indivíduo, levando-lhe os benefícios do relaxamento a uma alma contraída, assustada pelas crenças e abusões. Assim é que o fenômeno da masturbação é hoje encarado como um comportamento que leva o indivíduo a se preparar para a atividade sexual da vida adulta, trazendo-lhe uma série de reações e atitudes que constituem, em parte, o encadeamento posterior do ato sexual. As práticas precoces, ostensivas e abusivas, devem ser encaradas como sintomas de distúrbios já instalados, isto é, devem ser encarados mais como efeitos do que como causa.

O sexo feminino vê-se menos beneficiado pela liberdade informativa, de vez que, na nossa organização social, a mulher sempre foi mantida em nichos e pedestais, para onde jamais solicitou fôsse levada. — É evidente que há conceitos de pudor e de reserva que são atributos tipicamente femininos; e que não serão abalados a não ser por fatôres outros que não sejam os informes da educação sexual. Acontecimentos como menstruação, fecundação, gravidez e parto, são assuntos correntes de discussões franca entre adultos e jovens de ambos os sexos. Mesmo o problema da iniciação sexual toma, atualmente, aspecto muito mais higiênico, notando-se dois aspectos fundamentais: 1) deixou o jovem de se sentir premido pela obrigatoriedade de uma iniciação sexual na adolescência, fato que freqüentemente acontecia em circunstâncias quase sempre traumatizantes; 2) criou-se uma atmosfera de maior compreensão para a jovem que entra precocemente em contacto com a realidade sexual. Assim, abriram-se para ambos novas perspectivas, que não podem nem devem ser confundidas com estímulos que incitem aos jovens de ambos os性os que se lancem em aventuras sexuais como fórmula de libertação, afirmação ou contestação. Ao contrário, embora pareça paradoxal, é simpático o critério de castidade, de uma castidade que não deve ser alcançada ou mantida à custa da ignorância e da coação. Ao indivíduo deve interessar a manifestação da pureza e da beleza de sexo, para a apoteose da fusão global do corpo e alma, entre dois indivíduos ungidos pelo mais elevado sentido de amor.

O que se pede aos adultos, sejam êles quem forem, ocupem a posição que ocuparem, pais, professores, guias espirituais, padres, rabinos, pastores, gurus ou que nome tenham, o que se espera dêls é que se juntem a nós, nesta campanha de esclarecimento.

Erros existem, e muitos, e existirão por muito tempo ainda. Vários dêles evidenciam a inconveniência dos processos educacionais utilizados até à data. Nossa atitude não deve ser confundida como de aplauso ou de estímulo aos erros que as crianças ou os jovens possam praticar. O que se pede, é que seja adotada uma atitude mais receptiva e compreensiva, mesmo porque é de boa política estar do lado dos mais fortes e, neste caso, os jovens são os donos do futuro. Econômico seria, pois, que nós, humilde-

mente, lhes oferecemos a nossa experiência e aquilo que a ciência nos ensinou para que êles, os jovens, não tivessem que recorrer ao mesmo determinismo de ensaio e êrro e se dessangrarem em tentativas improfícuas. O que não interessa aos jovens, o que não os ajuda, são os nossos medos e as nossas angústias, resultantes de processo de neurotização sistemática a que estamos submetidos, mercê do obscurantismo que nos oprime há milênios.

O diálogo e a informação se fazem cada vez mais necessários.

As gerações jamais se homogeneizarão, é uma dura verdade. Mas, hoje em dia, a cultura, a ciência e a técnica oferecem aos adultos ferramentas para cavarem ou construirem as vias de aproximação das almas infantis e juvenis. Se esta oferta estiver a seu alcance, utilize-a. Caso contrário, procure onde encontrar os meios para se unir a esta verdadeira cruzada, em busca, já não digo da paz que está tão mutilada, mas de sistema inteligente e harmonioso de vida em comum.